

O USO DA POESIA NO ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL: UMA PROPOSTA

Atualmente, professores das mais diversas áreas, incluindo a história, enfrentam o desafio da superação diária para despertar o interesse dos alunos no processo ensino-aprendizagem. Notadamente a história, e sua matéria-prima, o passado, são alvos constantes de questionamento quanto à sua utilidade e pertinência. Por seu turno, ensinar história se transforma numa tarefa que se configura — em referência à mitologia grega — um verdadeiro “trabalho de Sísifo”. Sísifo foi um mortal condenado pelos deuses a, por toda a eternidade, rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida por meio de uma força irresistível, invalidando completamente o duro esforço despendido. Dito de outro modo: ensinar história na Educação Básica nos nossos tempos significa lidar tanto com os diversos desafios que afligem o universo escolar quanto com questões relativas ao campo epistemológico próprio desta área de conhecimento. Estes desafios não são meramente concomitantes. Encontram-se profundamente interligados.

Outro desafio do ensino de história na atualidade é compreender qual o papel dos acontecimentos do presente no currículo da disciplina escolar de História. Esse é um desafio que implica ultrapassar os limites do mero presentismo e do anacronismo, tão constantes às relações entre presente e passado, na sala de aula. O planejamento de uma aula de história que conjugue o conhecimento do passado como suporte para a compreensão de quem somos no presente e, ao mesmo tempo, se utilize dos acontecimentos do presente para problematizar a escrita do passado, é um desenho difícil de ser esboçado.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

A revolução documental levada a efeito pelos *Annales*, a introdução de uma série de novos objetos de estudo e de ensino no campo da História, promoveram modificações importantes e definidoras na historiografia e no ensino de história. Abandonamos definitivamente a ideia do documento como o espaço mesmo da verdade e reconhecemos que a escrita da história é discurso e, como tal, é uma construção que se dá no presente, segundo determinadas disposições do saber e conforme o estado da luta política. Como discurso, o relato histórico passou a ser visto como algo que dá sentido ao passado, mas encarna aspirações do presente.

Nesse contexto, a proposta de um ensino de história que reconstitua a aliança entre o político e o epistemológico se faz urgente. Tal aliança depende de um movimento de ida e volta, na medida em que a sala de aula possa ser tanto um espaço de novas e inéditas vivências políticas, que podem ser postas à disposição da sociedade, quanto um espaço que serve de experiências alternativas produzidas pela sociedade. Ensinar história é uma atividade intelectual, porque ensinar exige método e teoria, na medida em que esses são os elementos fundamentais que garantem uma leitura crítica e conceitual do passado e da realidade do presente. Mas isso não significa que a transmissão do conhecimento histórico deixa de estar envolvida, inextricavelmente, nas relações sociais do presente. O espaço da sala de aula, diferentemente de uma série de outros espaços de aprendizagem, como a mídia, por exemplo, permite a crítica racional e possibilita a desconfiança intelectual em relação às evidências e ao senso comum.

O ensino de História é alvo de críticas por parte dos discentes no Ensino Fundamental e Médio, no que diz respeito à sua finalidade. Salvo exceções, se percebe uma grande apatia no alunado. Essa situação é resultado das pressões que os educandos sofrem acerca de exames como o ENEM e o vestibular, bem como da prática de um ensino que prima pela transmissão de conteúdos. Além

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

disso, por ser um conhecimento permeado de subjetividade, o saber histórico, para assumir um sentido prático, voltado para a realidade dos alunos, prescinde que os sujeitos, envolvidos no seu processo de ensino aprendizagem, exercitem habilidades como a de interpretar, analisar, associar, comparar, reconhecer, selecionar e avaliar. Exercício esse, que nem sempre é estimulado nesse processo, já que, como referido, o mesmo é, geralmente, pautado na transmissão de conteúdos inseridos no currículo de história.

O exercício das referidas habilidades que pode dinamizar a construção de uma leitura histórica do mundo que, pautada nas demandas do nosso presente, viabilize a construção de uma compreensão sobre as diferentes identidades, a necessidade da construção de novas memórias e as diferentes temporalidades, por parte dos alunos. E, assim sendo, possibilite que os educandos mudem uma possível concepção negativa da disciplina, atribuindo-lhe um sentido prático já que, por meio da atribuição de sentidos a um passado, há a possibilidade dos sujeitos compreenderem melhor o seu presente e projetarem um futuro.

As aulas de História tradicionais geralmente pouco atrativas para os alunos, podem ser renovadas ao se aproximar o fazer historiográfico com a prática pedagógica. Muitas reflexões sobre essas questões têm sido feitas por educadores e historiadores preocupados com o ensino de História. Dentre essas, destacamos aquelas emanadas da corrente teórica denominada de Educação Histórica¹. A qual, fundamentada nas análises do aprendizado histórico feitas por Jorn Rüsen, pressupõe o ensino e aprendizagem em História como um processo que ultrapassa a ministração de conteúdos, o percebendo como uma produção narrativa com critérios próprios, que o distinguem de outros relatos.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Partindo dessa premissa, a Educação Histórica propõe um processo de ensino e aprendizagem que oportunize a visão de um passado que não está circunscrito em um pretérito imutável, mas que pode ser vislumbrado como uma construção, permeada por diferentes perspectivas e que traz à tona aspectos que o reconfiguram, devido a uma gama de fatores que geram novos questionamentos sobre ele. Isso, não apenas no sentido de preencher lacunas mas, sobretudo, de questionar o que se havia estabelecido como verdadeiro, ou por quais caminhos se chegou a tal convicção, ou ainda, por que tais questionamentos foram feitos a esse passado e não outros.

Comungando com Lee (2006)², acreditamos que um dos mecanismos possíveis de estimular um genuíno processo de ensino e aprendizagem em história é o de oportunizar aos discentes um entendimento do saber-fazer historiográfico, de modo que: “em sala de aula, os nossos alunos sejam levados à compreensão de que a História não é apenas um conhecimento de lembranças de eventos passados” (LEE, 2006, p. 133), mas um processo cognitivo e social. Para o mesmo autor, ler o mundo historicamente, prática denominada por ele de literacia, é o legítimo objetivo do ensino de história nas escolas.

Dessa forma, acreditamos que, ao oportunizar aos alunos a visão da História como um conhecimento construído por intermédio de um método e ao levá-los ao entendimento de questões referentes ao caráter subjetivo do ofício do historiador, estamos potencializando a construção de um saber histórico que identifica o passado como algo repleto de significados em um presente. Afinal, essas reflexões podem levar os alunos à percepção de que são os nossos interesses que dirigem nossa compreensão histórica e, esta, por sua vez, permite que nos orientemos, no tempo: “em outras palavras, tal conhecimento não deve ser inerte, mas deve agir como uma parte da vida do aprendiz”

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

(LEE, 2006, pág. 135). Assim, por meio de habilidades, construídas através de uma experiência do fazer histórico, os educandos estariam mais aptos a construir uma genuína literacia histórica.

Pensar educação é pensar conhecimento. Mais do que isso, pensar educação é pensar formas pelas quais nos relacionamos com o mundo, ampliando horizontes e construindo novas visões acerca da realidade. Conhecer novas culturas, exercitar a tolerância, descobrir – não sem espanto – a existência de outras verdades...

Há que se constatar, todavia, que estes níveis do real não são suas exclusividades. A literatura, por exemplo, exerce para muito esse papel, proporcionando reflexões e questionamentos sobre nossa identidade, nossos hábitos, costumes e certezas. A poesia, na plenitude de sua polissemia, nos faz viajar em novos universos, imaginar mundos possíveis e, talvez, construí-los, mesmo que em meio a inúmeras dificuldades.

Voltemos um instante: a divisão aqui feita é incerta, e a poesia pode ser educação, assim como educação pode ser também poesia. Em verdade, estas definições são de pouca importância. O que nos toca é a capacidade de ambas nos fazerem crescer como seres humanos, individual e coletivamente.

O conhecimento a que esse trabalho se refere e discute é, em primeiro momento, o conhecimento histórico. Isso não é, entretanto, o bastante. Há que se pensar o ensino de história, mas há que se pensar, não obstante, o conhecimento pertinente (MORIN, 2000), o que se pressupõe um tratamento aos conteúdos históricos diferente dos usuais e recorrentes nos livros e apostilas didáticas.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Passadas muitas décadas das considerações acerca do fazer história como prática social também historicizada, subjetiva e plural, o ensino de história, tanto por despreparo de professores quanto por desorientação, caminha a duras conquistas no que se refere à abertura real e efetiva de temas, abordagens e atores sociais. Há, ainda, uma dificuldade extrema em levar às escolas uma perspectiva da história tal qual Edgar Morin nos apresenta: a história transformada em “manifestações diversas das potencialidades humanas” (2001).

O trabalho com a fusão entre História e Poesia tem como objetivo voltar-se para formas criativas de História, interessante aos alunos, que, situados no contexto da informação, da rapidez, dos eventos, do esquecimento e da incessante busca pelo presente, muitas vezes não encontram utilidade e serventia para aquilo que consideram como estudo do passado. A poesia como fonte para a História pode auxiliar o professor na conquista de novos espaços e funcionalidades para o seu trabalho, possibilitando uma História rica em caminhos e realizando aquilo que Montesquieu chamou de “ampliar a esfera do ser”. Assim, a História, trazendo diferentes culturas, visões, ideias e pensamentos, deve ser efetiva como conhecimento para a vida dos alunos, não apenas como curiosidade e obrigação. A poesia, como exercício criativo do ser humano, recupera o lado sensível da História, assim como a História recupera o lado humano e concreto da poesia.

O norte deste trabalho teve como fundamentos uma história problema com questões e debates, texto e contexto, buscando sempre mediar o ir-e-vir de um ensino que busque o estranhamento, o desnudar do exótico, mas que traga também aquilo que Ricouer chamou de “trans-histórico” (2001), ou seja, aquilo que permeia a história de forma profunda, que vincula os homens de hoje aos de ontem, para assim, não destruir os laços que ligam o jovem – com suas necessidades atuais – com um passado que, aos seus olhos muitas vezes têm pouco a dizer sobre sua vida.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Os temas abordados, assim como a proposta, buscaram contemplar esta perspectiva, religando saberes entre si e com o aluno. A poesia, por auxiliar na construção de novas sensibilidades, traz o trans-histórico na medida em que faz perceber dimensões e formas de agir e pensar estranhas ao jovem de hoje, implicando contudo, nos sentimentos humanos, como dor, esperança, saudade, que, apesar de atribuídos de significados diferentes ao longo do tempo, atravessam gerações, sendo um ponto comum da humanidade.

Mais ainda, a discussão que se faz sobre o papel da literatura como indício para a compreensão da sociedade e da realidade passada é significativa para introduzirmos uma concepção de conhecimento complexo, onde, mesmo fragmentado em disciplinas, ele se apresenta de inúmeras formas. Para Fonseca, a literatura oferece “pistas e propostas reveladoras da identidade social e coletiva” (2017).

Diferente da história – entendida aqui como disciplina —, que, mesmo que explicita seu caráter relativo, é tomada como expressão do real, visto que busca descrever a realidade dos fatos e processos históricos, a poesia não está comprometida com verdades absolutas, ou com a fidelidade ao ocorrido. Por conta disto, ela se constitui como uma ferramenta eficaz de problematizar a história e seus conteúdos escolares, possibilitando novas interpretações, se abrindo para novos sujeitos e incorporando as discussões acadêmicas que costumam tanto para encontrarem seu espaço no mundo escolar.

Diante disso, propomos como possibilidade a aplicação de um procedimento didático-pedagógico, pautado na produção de conhecimento histórico, em sala de aula e, para tanto, a nossa proposta

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

lança mão da fonte literária para subsidiar tal produção. Afinal, a literatura representa uma dada realidade e, apesar de não ter o compromisso de atingir, de forma racional e metódica, uma interpretação do passado, como é o caso da narrativa histórica, na tentativa de se fazer verossímil, se remete a um “como poderia ter sido” e, assim, a traços de um passado.

A literatura, quando vislumbrada como fonte de produção de conhecimento histórico, potencializa a investigação da dimensão imaginária da sociedade de um período, indicando as sensibilidades de uma época. Ela indica traços de historicidade que não estão presentes em todas as fontes históricas, nem, tampouco, nos materiais didáticos, adotados pelas escolas.

Podemos destacar, ainda como contribuição significativa da narrativa literária para o ensino de História, o vislumbre de aspectos do cotidiano de um literato e sua realidade, bem como a referência espaço-temporal implícita em seus escritos. Sobre esse aspecto, Bittencourt (2011) menciona que:

Para a História, esse referencial torna possível analisar textos literários como documentos de época, cujos autores (os criadores das obras) pertencem a determinado contexto histórico e são portadores de cultura exposta em suas criações, o seguidores de determinada corrente e representantes de seu tempo. (BITTENCOURT, 2011, p.342)

Assim, acreditando que essa proposta didática pedagógica pode levar os educandos a vislumbrarem a subjetividade do conhecimento histórico, as especificidades da sua produção e as várias interpretações do passado, decorrentes de tais questões, nos propomos a empreitada de efetuar uma recolha de poesias nacionais produzidas entre os anos 1859-1900 e utilizá-las como ferramenta para o ensino de História do Brasil. Observe-se que não se trata dum estudo de toda produção poética

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

desse período, e sim da coleta e elaboração de uma antologia temática a partir de temas canônicos da Historiografia Nacional. Com isso, pretendemos demonstrar a viabilidade e as vantagens do uso da poesia no ensino de História da Educação Básica. Assim como suas potencialidades pedagógicas enquanto instrumento de ensino, através da elaboração de um guia de utilização dessas poesias em sala de aula, nas aulas de História.

Acreditamos que o presente trabalho está em consonância com a **Resolução Nº 57/2015/CONEPE**, que aprova a criação do Mestrado Profissional em Ensino de História, estabelece no seu artigo 15: “A dissertação do PROFHISTORIA tem por objetivo traduzir o aprendizado ao longo do percurso de formação bem como gerar conhecimento que possa ser disseminado, analisado e utilizado por outros profissionais dessa área nos diferentes contextos onde são mobilizadas diferentes formas de representação do passado.”

Esse trabalho também encontra eco nas competências específicas de Ciências Humanas da nova BNCC, que estabelece a necessidade de “utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e **diferentes gêneros textuais** e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado à localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão”.

Além disso, a poesia é algo muito presente em nosso cotidiano. Seja fora da escola, dado que toda versificação implica certa dose de musicalidade cara até mesmo aos ouvidos menos atentos. Através de rimas do cancioneiro popular, da literatura de cordel, dos ditos e até mesmo nas pulhas sexuais. Seja dentro da escola por meio de outras disciplinas, como Português e Literatura.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

O trabalho com versos e expressões poéticas no ensino de história pode trazer inúmeras virtudes, tais como o trabalho direto com a fonte histórica, o diálogo entre diferentes disciplinas e a relativização de suas fronteiras, o questionamento acerca dos cânones literários e das histórias tradicionais, alternativa ao livro didático, forma de exemplificar e enriquecer conteúdos históricos escolares, incentivo e estímulo à escrita, leitura e criatividade.

Não fosse o bastante, a poesia guardaria ainda uma característica imprescindível para o enfrentamento dos desafios encontrados pelo homem contemporâneo.

Friedrich Nietzsche, em passagem não tão otimista, porém de beleza única, considera que àqueles que conseguem sentir-se como humanidade, e perceber, assim, a falta de finalidades últimas ao existir, é reservado o desespero, o sucumbir. Todavia, se considera este o sentimento acima de todos os sentimentos, mas que poucos são capazes de sentir. Estes poucos são aquilo que chamamos de poetas, e “poetas sabem sempre consolar-se” (1999).

O importante nessa discussão é que o conteúdo da história não pode se tornar mero instrumento para fins da luta política e ideológica, senão que instrumento de análise dos acontecimentos, a fim de pôr à disposição da sociedade formas alternativas e refinadas de olhar para o passado, e isso, evidentemente, tem sérias implicações políticas. Difícil tarefa essa de mostrar às novas gerações que o fazer política e construir conhecimento em história são, ao mesmo tempo, práticas sociais imersas em relações de poder e que possuem modos distintos de criar seus objetos de estudo e de ação política. O conhecimento histórico decorre de uma atitude intelectual e tal procedimento não está fora de um contexto de aspirações e de projetos políticos, mas exige muito mais do que disposição e vontade de criticar os poderes estabelecidos, uma vez que se consolida com a

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

utilização rigorosa de uma teoria, de um método e de uma série de fontes, elementos que singularizam uma análise histórica em relações a outras narrativas.

Sem discutir os fundamentos de tal asserção, podemos dela extrair uma ideia cara àqueles que, se encontram naquilo que Morin chamou de “estado poético” (2005). A literatura – e a arte em geral – faz compartilhar aquilo que foge da razão, extrapola o raciocínio lógico. Este conhecimento, que passeia por entre os caminhos do amor, da aflição, do afeto, é, em última instância, o saber que nos torna mais humanos, nos distingue do animal que segue indiferente seu instinto e nos aponta para a semelhança – mesmo na diferença. É o conhecimento que nos faz, ao abrir de olhos, na manhã fria e cinzenta, contemplarmos a vida. Deslumbrados.

NOTAS:

1. Ver LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão.. [et al.]. Campinas, SP: Editora da

UNICAMP, 2003

2. A Educação Histórica é uma das correntes teóricas que vem ganhando cada vez mais espaço nas produções acadêmicas sobre ensino de História, no Brasil e no mundo. Na Alemanha, essa corrente se inspirou nas propostas do historiador, filósofo e pedagogo Jorn Rüsen, que é referência no campo da Teoria da História e que, também, passou a investigar metodologias para compor uma didática específica para o ensino de História e, a partir dos seus pressupostos teóricos tem influenciado outros pesquisadores a se especializarem no campo da Educação Histórica. Podemos destacar, como grandes expoentes da chamada Educação Histórica, Isabel Barca, que vem desenvolvendo pesquisas na Universidade do Minho, em Portugal e Peter Lee, que coordenou vários projetos de investigação relacionados ao ensino e aprendizagem de História no Reino Unido. No Brasil, contamos com as pesquisas de Maria Auxiliadora Shimidt, que preside a Associação Iberoamericana de Pesquisadores em Educação Histórica-AIPEDH.

3. Historiador e filósofo inglês, Peter Lee, desenvolveu o conceito de literacia histórica dialogando, principalmente, com o campo da Teoria da História e o da Didática da História, tendo como

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

principal interlocutor o alemão Jörn Rüsen. Para Lee, a literacia histórica é a capacidade de “ler do mundo” conjugada ao conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez. 2011

FONSECA, S.G. **Didática e Prática de Ensino de História**. São Paulo: Editora Papirus, 2017.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**. Curitiba, Especial, p. 131-150, 2006.

MORIN, E. **Amor, Poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, E. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NIETZSCHE, F. Humano Demasiado Humano: um livro para espíritos livres – Volume I. In: **Nietzsche – Vida e Obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

RICOUER, P. O passado tinha um futuro. In MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.